



Gaudium

PORTE PAGO

Quinzenário * 5 de Setembro de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 978 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Algures, umas senhoras já idosas vivem pobremente. Possuem uma boa habitação de que recebem uma renda antiga e insignificante. As pobres donas não têm outros rendimentos nem possibilidades de emprego.

Ora, na dita habitação, vive um senhor bem instalado com a sua família — regalado e feliz na renda de miséria, possuidor de prédios seus, que alugou por rendas chorudas.

Que o teu Senhor não seja somente estampa do teu quarto; a cruz na parede; o dono dos campanários nas igrejas do vale ou nas capelas das montanhas; a cruzinha no peito e o nome nos lábios. Mas, o amigo íntimo e real em cada irmão; o Senhor do teu coração e de tuas obras; o pai da Justiça e da Verdade.

Amigo da rua x, que recibes 50 pelas tuas casas e pagas àquelas donas 2 pelas suas... o Senhor está triste contigo e vive e sofre naquelas irmãs, que tu roubas de luva branca.

● A maioria dos cristãos debicam nos sinais religiosos, santos e Evangelho — como pássaro doente nos grãos de trigo, que não consegue engolir. Têm sinais de Deus pelo seu baptismo, casamento e algumas comunhões — mas nem sempre há lugar para Deus no coração, demasiado ocupado por tantas coisas que nos prendem, nos arrastam e, tantas vezes, dão tristeza à nossa alma.

Sem plano de Eternidade, complicamos tudo.

Não temos mais uns ramos de salgueiro para dependurarmos nossas harpas.

O carro que construímos e de que nos orgulhamos, tem tudo:

Água quente e fria,
cobertor eléctrico,
aviões e naves,
computador,
televisão,

Cont. na 4.ª página

Aqui, Lisboa!

□ No centro das nossas pregações do ano em curso têm estado a Família e os Deficientes em geral; problemas que a todos dizem respeito mas que, em nossas Casas, apalpamos de modo vivo e particular.

Em escritos anteriores, depois de referirmos o aspecto institucional do Matrimónio e de falarmos do valor jurídico que encerra, demos, em pinceladas rápidas, uma visão dos níveis antropológico e ético da Família. Encerraremos hoje o tema com o terceiro plano, na coroa ou cume, numa perspectiva cristã, que é o seu valor sacramental.

Claro que o valor sacramental do Matrimónio só pode ser visto à luz da fé em Cristo. E se Jesus Se fez Homem ao assumir a natureza humana, foi para a elevar e dignificar. A família cristã encontra a sua grandeza no próprio processo salvífico do Redentor e tudo o que a abale ou ponha em causa deve considerar-se como um atentado aos planos de Deus, porque encarada à luz da visão integral do homem e da sua vocação, não só natural e terrena, mas também sobrenatural e eterna.

Para um cristão, pois, o Matrimónio deve ser assumido como coisa muito séria, exigindo preparação eficaz, remota e próxima. Não tem sentido

que se vá à Igreja se não se acredita naquilo que lá se vai realizar e se não se pretende, honesta e eficazmente, tanto quanto é possível a um ser humano, cumprir o que se promete. Fora, pois, com os espectáculos indecorosos, autênticas profanações do sagrado, que se limitam a exterioridades mais ou menos pomposas, mas que desprezam ou não têm em conta os valores essenciais dos sinais sagrados e daquilo que eles representam e significam por si e em si mesmos. Ao inverso será tudo uma fantochada com gravíssimas consequências.

A constituição «Gaudium et Spes» do Vaticano II, refere no seu número 48: «O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e é guiado e enriquecido pelo poder redentor

de Cristo e pela acção salvífica da Igreja para que os esposos sejam conduzidos eficazmente a Deus e ajudados e confortados na sublime missão de pai e de mãe. Por isso os esposos cristãos são robustecidos e como consagrados para os deveres e dignidades do seu encargo por um sacramento especial.» Deste modo, a união do homem e da mulher em ordem à constituição da família, comparada por S. Paulo aos elos existentes entre Cristo e a Sua Igreja, deverá ser um autêntico santuário do amor e berço da vida, a «Igreja doméstica», de que nos fala o Concílio.

Respeitamos os que não têm fé e compreendemos as situações difíceis que se opõem no concreto da vida. Os cristãos,

Cont. na 4.ª página

Problemas sociais

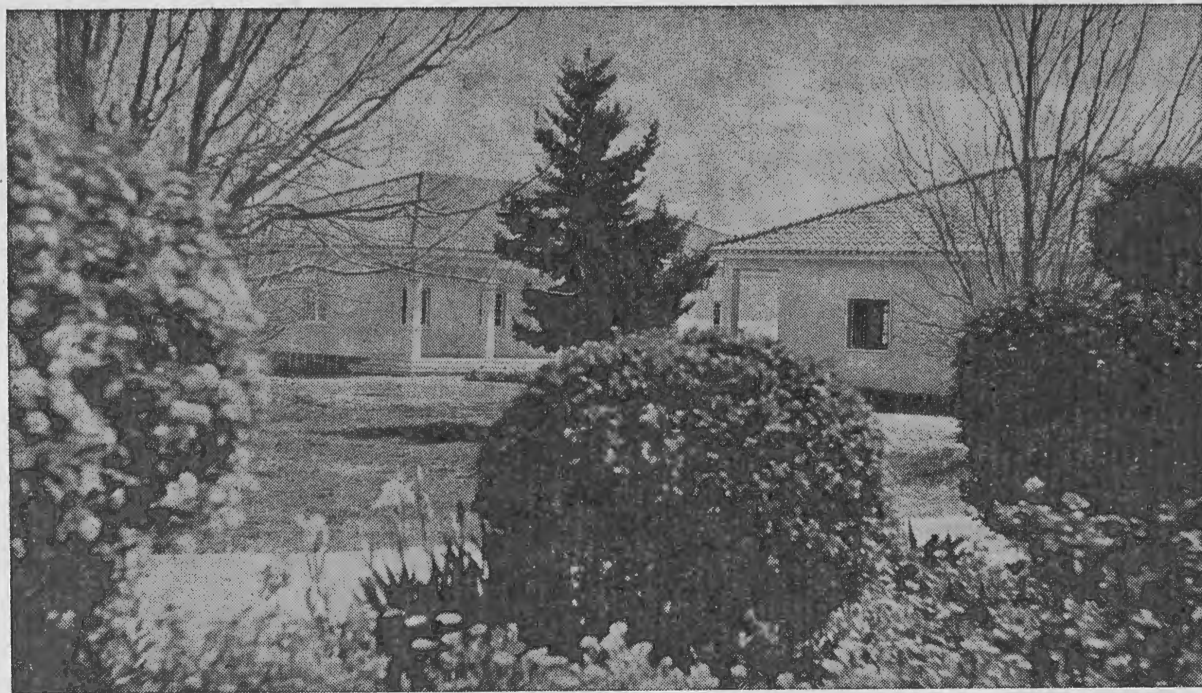
O último tema da já citada notícia de aniversário da Misericórdia de Lisboa que me motivou artigos anteriores sob a mesma epígrafe e ainda este, sem deixar de referir outros problemas familiares, diz particularmente respeito aos da terceira idade. Também estes preocupam o Provedor da Santa Casa e deles são apontadas algumas causas. Ora não sendo estas, não haveria que remediar as dificuldades consequentes.

Felizmente, aqui, parece que se começou pelo princípio: «o levantamento das carências e o cadastro das respostas possíveis, freguesia por freguesia». Assim haverá «base mais sólida para tomadas de decisões». «Sabe-se que existe uma relação directa entre o agrava-

mento do parque habitacional e problemas de ordem familiar: Mais de 20 por cento dos casos que justificam subsídios sociais têm origem na falta de habitação ou na sua degradação; a crescente procura de lares e residências para idosos tem como causa a impossibilidade de encontrar casas para famílias de três gerações; o aumento de procura de creches e infantários é devido a deficientes condições habitacionais; a educação em geral e a escolaridade em particular, são prejudicadas por lares insuficientes.»

Eis o acento posto sobre o problema primeiro que é o da habitação, o qual se abre em leque de muitos outros proble-

Cont. na 4.ª página



As duas últimas casas de habitação que completaram o plano da nossa Aldeia em Santo António do Tojal (Loures).

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CURSO DE FORMAÇÃO — Este tema tem merecido, ultimamente, especial atenção, pelo que representa para quem o frequenta. Alguns dos rapazes passaram as férias junto da família, outros preferiram a nossa colónia de férias em Azurara, disfrutando assim de descanso à beira-mar.

Que tudo corra bem nesta segunda metade do curso, são os nossos votos.

VISITANTES — Continuamos a ser «invadidos» por excursões que, de vários pontos do Norte e Centro do País, nos enriquecem com suas visitas. O contacto com as pessoas, o seu à-vontade, dá-nos alento para continuar na missão de transpor barreiras que nos são postas.

Um problema solucionado: a colocação de recipientes para a recolha do lixo dos nossos amigos que não sabiam onde o deixar nem tinham. Muitos havia que o deixavam em sacos de plástico, facilitando a sua recolha; outros, porém, não faziam assim. E não mais acontecerá. Informamos todos que existem, agora, por toda a nossa Aldeia, latões para a recolha de lixo.

Um aviso importante. Esperamos, no entanto, compreendam as nossas deficiências.

DESPORTO — Esta época não é propícia à realização de jogos de futebol em nossa Casa. Contudo, algumas equipas brindam-nos com a sua presença, tirando-nos um pouco de monotonia. Desde a derrota por 4-6 (primeira desde há dois anos) sofrida há cerca de três meses, até à vitória por 14-1 infringida há um mês, é o resultado do calor que se faz sentir.

No dia 30 participamos em duas provas de atletismo, no lugar de

Calçada (Oldrões). Os treinos começaram um mês antes, estando todos mentalizados para que este treino, intenso, dê bons frutos; e como temos uma reputação a defender, não podemos desiludir aqueles que em nós acreditam. (Estas linhas são escritas antes das provas; por isso não podemos dar os resultados.)

ÁGUA — Em nossa Casa, a água utilizada é proveniente de minas e poços. A imprópria para beber, serve para rega dos campos. Nesta altura do ano faz muita falta. Os períodos que separam cada rega são mais longos, originando um mau ano agrícola.

A primeira indicação surgiu com a colheita da batata: das vinte e poucas toneladas em 78, das dezasseis em 79, das treze o ano passado, este ano talvez não cheguemos às dez! Semeados mais campos, os cuidados foram maiores e tudo fazia crer que a colheita iria ser boa — assim se pensava; contudo, foi um desastre! Da pouca batata que se apanhou, um terço é deficiente. O desfecho está à vista: daqui por alguns meses necessitaremos de tubérculo para consumo e talvez para a sementeira da próxima Primavera...

Em Azurara, também estamos mal servidos de água! Os últimos túmos vêm-se aflitos todos os anos, pois a do poço que nos abastece é pouca. O terceiro turno necessitou — durante alguns dias — de pedir água!

Canalizar água para nossa Casa foi a solução. Os trabalhadores da C. M. de Vila do Conde lá andam a trabalhar e, quanto sabemos, o quarto turno será o contemplado com este tesouro, por muitos sonhado e agora concretizado.

CARAS NOVAS — Sempre que um novo rapaz surge entre nós, é objecto de curiosidade por parte de alguns outros. — Onde és tu? — Porque vieste para cá? — Como te chamam?

— são perguntas indispensáveis. Chegam tristes, não dialogam; afastam-se dos colegas, choram; mas, como nada é perene, depressa modificam. É vê-los, agora, a trabalhar na lenha; contentes, descontraídos, sem saudades da família que deixaram.

Eis os que chegaram há pouco tempo: Abel, «Periquito» (parecido com outro rapaz já saído da Casa), Alfredo e Paulo.

Que se sintam sempre bem, são as nossas esperanças.

Morgado

Tente...

*Tente voar
E cantar
Como um pássaro!*

*Tente sorrir
E construir
Uma amizade nova
Como uma criança!*

*Tente amar
E perdoar
Como a Natureza!*

*Tente ser simples
E humilde
Como as pombas!*

*Tente viver sem conflito
Para ter paz no espírito
Como um campo ou um rio!*

*Tente compreender
E convencer
Que a vaidade
É coisa desagradável.
E que a luxúria
É coisa fútil!*

*Tente mostrar a este mundo insano
Que o seu coração é humano!*

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela mãe, mai-los filhos, forçada a reorganizar sua vida — por inconveniências do marido que anda por lá — já não vive tão complexada. Aceita a situação com virilidade cristã. E como a família acredita na Palavra de Deus, vêem-na agora consubstanciada frente a seus olhos: a nova moradia, levantada pelos nossos leitores, já espera telha!

— «Aqui perto conseguimos telha em segunda mão, bem boa, que deverá chegar... Fica muito mais em conta» — afirma ela com oportuno sentido de economia.

— Andem prà frente, até onde for possível...

E eles andam! Familiares e amigos. É uma roda viva!

Vamos, pois, telhar a moradia. Depois, picheleiro (água e saneamento); acabamentos de paredes e

chão; caixilharia. Um sorvedouro de capitais!

Enfim, procuramos fazer o impossível — repetimos — pela mão de Deus, que bate de mansinho no coração dos homens, dos nossos leitores.

● Em relação a outras épocas, várias carências d'ordem material vão sendo minimizadas. Ai de nós se não evoluíssemos! Todavia, haverá sempre buracos: por omissão das leis, dos homens; problemas que, inevitavelmente, caem sobre os ombros do recoveiro dos Pobres.

Ela é Viúva. Sua vida um calvário permanente. Deseja internar dois filhos doentes mentais (17 e 21 anos de idade) que não pode suportar sózinha. — «Eles fogem pra muito longe! Agarram-se às pessoas... Inté já tem acontecido voltarem em carros de praça! Eu sei como eles são, mas as pessoas não compreendem... Escreva o ministro a ver se arranja lugar pra eles no hospital — como diz, neste papel, a assistente social...» Ter a gente de subir às cúpulas para tentar resolver um problema do rés-do-chão! Vamos escrever ao ministro, sim senhor. — «Tenha paciência. Foi a assistente social que pediu...»

● Outra Viúva. Se no topo de certos departamentos ou fontes de decisão houvesse algumas delas, seriam menores, com certeza, os bloqueios que sofrem... O homem desta foi capataz e motorista nas infraestruturas do Caminho de Ferro de Moçamedes (Angola). Mal subimos da hipótese de legislação conducente a pensão de sobrevivência, corremos *seca e meca*, lá e cá, por uma certidão de tempo de serviço; até junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros — sem êxito. Agora, porém, a Secretaria de Estado responsável pelo processo só exige Ordens de Serviço ou Boletins Oficiais de Angola, onde constem promoções do funcionário. Como podemos colher dados desta ordem — já nas torres do tombo?! E devem existir no departamento que os solicita...! Resposta: — «Meu marido não me deixou O.S. nem B.O. de Angola.»

● Nós damos a mão, também, a misérrimas que surgem pela Miséria do mundo:

Uma jovem mãe, consorciada fora de tempo (ainda deveria mas é tratar de bonecas...) vive precariamente. O marido, sem preparação..., dissipa a magra jorna em futilidades da sociedade de consumo! Sofre ela e o filho! Não podemos deixar a criança morrer de fome, qual vítima indefesa! E partilhemos a despesa de aleitação subsidiada pelos SMS.

● Não nos lembra encontrarmos tantos lares desfeitos por falta de tino! Valha-nos Deus!

Hoje, abrimos a bolsa em benefício duma moça que, ao fim de alguns anos de tortura permanente, houve que regressar a casa dos progenitores — com sua prole.

O marido bebe; tem outros problemas... E, ao fim e ao cabo, ela era o constante bombo da festa.

Têm uns filhos tão lindos!...

Vinha debulhada. As boquitas das crianças precisam; e o pouco que recebe, das jornas por onde moureja, não compensa. Quem tem que pôr a mesa duma família avellia e sente,

com certa angústia, a contínua subida do custo de vida: na mercearia, no mercado — em tudo. E que dizer dos Pobres?! Quanto mais, mais...

A moça enxugou as lágrimas por instantes. Tem boa formação. É uma dona de casa qualificada. Mas não ficámos bem..., na medida em que o senhor paizinho tem responsabilidades na alimentação dos filhos e da esposa. Quem nos dera que a lei fosse rápida e oportuna para casos assim...! Estivesse ele onde estivesse, a empresa onde exercesse funções seria logo obrigada a reservar uma parte do seu vencimento para a mãe e filhos. No entanto, o sacrifício dos empresários seria justo castigo aos prevaricadores — e uma melhor Justiça Social.

PARTILHA — Férias... Na maioria, os Pobres ainda não usufruem delas! Nós outros, porém, que gozamos dessa regalia, não desejamos que eles sofram por isso. Temos de ser oportunos. E, nos casos vententes, importantes — como aconselha o Discípulo.

Lançando mão da crónica, hoje só registamos uma presença de Mem Martins! São mil escudos para a construção da moradia «a favor da senhora que o marido deixou com seus filhos». Um casal cristão testemunhando o Grande Sacramento! Não-de vir mais; não-de vir outros, muito unidos — qual «sal da terra e luz do mundo» — em benefício do mundo que precisa, que sofre imerecidamente.

Júlio Mendes

Setúbal

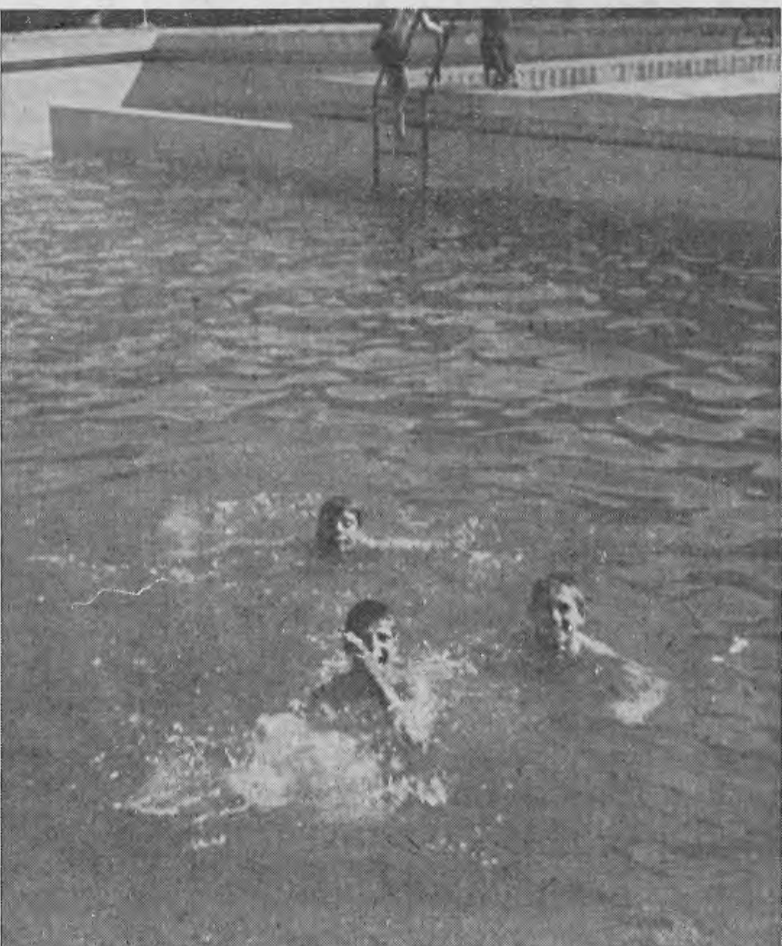
LUÍS HENRIQUE — Chegou o Luís Henrique. Era uma avezinha que fugia de tudo e todos. Agora já vem até nós e fala, anda de mistura com os outros e varre as ruas, arranca ervas, joga à bulha, corre atrás das vacas, atira pedras aos pássaros, ouve o toque da sineta. É mais um que espera por alguém que venha ocupar o lugar de mãe. São estes pequeninos que te chamam. «Quem perdeu a mãe, não perdeu a fome de a ter» — diz Pai Américo. Quem é que quer vir servir estes pequenos?

FAMÍLIA — Noutro dia dizia-me um operário: «Sabe que toda a sociedade está em crise por uma coisa muito simples. Falta o ambiente familiar nos lares, nas nações...»

Compreendi e conunguei da ideia deste homem; e contei-lhe o que Pai Américo nos ensina: o regresso a Nazaré. A harmonia, a simplicidade, o esforço familiar num caminhar para melhor. A Família é a base da compreensão do homem. Criemos estruturas para vivermos em família.

FUGITIVOS — O telefone tocou. Estávamos a almoçar no nosso Lar. Um dos mais velhos atende e traz recado:

— É da polícia, a dizer que têm



PAÇO DE SOUSA — Em época de estio, a piscina é a delícia da comunidade.



Do que nós necessitamos

A Família da Obra da Rua é fruto do Amor, como o são todas as verdadeiras famílias. O nosso viver acontece do somatório de muitos gestos de amor. Alguns são portadores de grande força de amizade e respeito, forte incentivo no nosso caminhar. Para além disso, outros também se trazem em ajudas que são expressão de generosidade e de renúncia.

Esta rubrica do nosso jornal tem muito pouco a ver com a fria matemática; muito mais do que dar contas, pretende comunicar o fluido de fraternidade de que somos alvo através de tantos Amigos. Alguns momentos desse fluido:

De uma fábrica do Norte, vestuário para os nossos rapazes. As etiquetas da Maconde dentro da nossa quinta, onde há poucos compradores!

«Por uma graça recebida, para suavizar as vossas despesas. Em acto de reparação, por intenções próprias e de todas as Crianças do Mundo.»

Vejam mais algumas palavras chegadas até nós:

«Recordando os 25 anos da morte de Pai Américo, uma migalhinha para os Pobres que ele mais amava.»

«Para a Obra que trata dos filhos de ninguém, com pena por a bolsa ser pequena, porque queria dar mais, pois o meu coração é maior do que aquilo que dou.»

«Quase octogenário e prisioneiro em casa, muito me entristece não ser possível ir ajoelhar, hoje, em Paço de Sousa. Junto um cheque que devem considerar de um humilíssimo anónimo.»

«Enviei ontem um vale pos-

tal para acudir a qualquer necessidade, lamentando que as minhas possibilidades não me permitam enviar mais e com mais frequência.»

«Não duvido que Pai Américo está na Casa do Pai Comum, pedindo ajuda para nós todos. Vai aqui uma migalha. Seria mais se não tivesse que ajudar, também, a construção da igreja da minha paróquia.»

«Desejo viver muito tempo para poder continuar a fazer-vos todo o bem possível, para louvor de Deus Pai.»

«Trago-vos uma ajuda. Claro que não sou rico, até devo dinheiro de um andar que comprei recentemente; mas tenho uma fé enorme e conta para mim muito o exemplo do Pai Américo...»

Acompanhando o seu donativo, um pedido: «Peço que nas vossas orações se lembrem de uma filha minha, mãe de três meninos e que precisa de saúde.»

«Eu e o meu marido assistimos à Missa todos os 16 de Julho, lembrando Pai Américo. Como o meu marido já deixou este mundo, trago-vos esta ajuda, sufragando a sua alma.»

«Uma pequenina ajuda para as sandálias dos garotos.»

«Aos gaiatinhos, com muito amor, das amiguinhas de Soutelo — Braga.»

«Peço-lhes que lembrem a alma do meu marido é do meu filho; a ajuda que junto para pouco dá. Quando puder irá mais.»

«Que Deus vos abençoe pelo bem que fazeis. Assim que possa enviarei mais.»

«Na vossa Missa lembrai-vos do meu marido que fazia 60

anos. Rezai por ele. Receio que as minhas orações não cheguem a Deus porque me custa muito aceitar a Sua vontade na totalidade... Desculpem o tempo que tomei, mas preciso de desabafar.»

Muitas vezes, no nosso correio, chegam desabafos semelhantes. Falam-nos como Amigos e é com os Amigos que todos gostam de desabafar.

«Recordando a data do nascimento dos meus queridos padrinhos, que Deus tem, lembrei-me de enviar uma prenda à Casa do Gaiato por quem eles tinham muita ternura.»

«Apesar das palavras amáveis que me endereçou e que, evidentemente agradeço, entendendo que o envio do dinheiro não tem o menor mérito, já que este foi retirado do que me sobra e não do que me falta. Cristãmente falando pouco me pertence.»

«Que este pequeno valor alivie um pouco mais os vossos encargos.»

«Como tive há pouco um donativo inesperado, senti imensa alegria em enviar, pelo correio, uma gota de água para a imensidade de toda essa enorme despesa, de satisfazer a tanta necessidade concreta.»

«Estamos a viver em casa de pessoas amigas; agradeço mais uma vez as vossas orações pela nossa vida que não nos corre bem.»

«Junto uma importância para superar as enormes despesas dessa magnífica Obra. Peço para não me agradecerem, porque a importância correspondente a essa oferta, em cons-

Retalhos de vida

O «Cinfães»



O meu nome é Carlos Alberto Duarte Pinto, mas deram-me o nome de Cinfães, onde nasci a 20/6/67.

Quero contar a minha vida:

Não tenho pai nem mãe porque já faleceram.

Na minha terra trabalhava muito e também levava muita pancada, porque era mau.

Em minha casa era o mais velho, mas tenho dois primos mais novos do que eu: um de 11, outro de 12 anos.

Levantava-me às 5 horas da manhã, à hora que calhasse, para ir trabalhar com a minha madrinha na máquina de fazer camisolas. As vezes também ficava sem comer; queria trabalhar e não podia com a fome.

Quando ia para a Escola roubava dinheiro para comprar coisas. E também fugia de casa, mas a madrinha ia chamar a guarda e eu, com medo, regressava.

Ando na quarta-classe e a minha professora — na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde estou muito contente — é de perto de Cinfães.

Quando for grande, a minha profissão vai ser ser-ralheiro.

Carlos Alberto («Cinfães»)

ciência, não me pertence.»

«Deus, na Sua misericórdia, chamou para Si uma jovem professora de 20 anos. Todos nós a choramos pela sua bondade, caridade e amor ao Próximo. Os seus pequeninos alunos juntaram dinheiro para flores, mas sabemos que ela ficaria mais contente se o dinheiro das flores fosse dado aos Pobres.»

«Junto um cheque da reforma de uma empregada. Se for possível agradeço que digam em O GAIATO, que foi oferta

de «Uma Empregada de Tortosendo» para ver se esta terra começa a aparecer mais vezes no famoso jornal O GAIATO.»

«Do «tio Cartachito» a presença mensal das suas horas suplementares.»

Transcrevi vários apontamentos que vinham a acompanhar algumas ajudas que nos enviaram. Não são precisos comentários a estas palavras simples. O verdadeiro amor é simples e sempre construtivo.

Padre Abel

lá o Sérgio e se o podem cá trazer.
— Que não. Ele que venha pelo seu pé.

Quem é o Sérgio!?

Ele mais o irmão fugiram não sei quantas vezes. Foi a mãe que veio trazê-lo. É do Algarve. Agora, não sei porquê, foi ter à polícia. Mais uma aventura dele...

A polícia insiste para irmos buscar o menino e o recado foi sempre o mesmo. Incompreensão da autoridade, persistência nossa. «Somos a porta aberta». Ele veio. Passados dias a notícia correu de boca em boca: «Sérgio fugiu e levou mais dois.»

Eu não sei bem se a polícia tomou esta lição. Os dois vieram, o Sérgio não. Também nós somos uma seara de trigo e de joio.

SEMINARISTAS — Agora uns, depois outros, estiveram connosco alguns jovens do Seminário. Durante as suas férias quiseram conviver com os nossos. Jovens inquietos, mas esperançosos no futuro. Vieram «apalpar» uma Igreja Viva e actuante e a Cristo figurado nos habitantes das Casas do Gaiato.

Eu acredito na inquietação destes jovens. Quantas lições eles deram; quantas eles levaram!

FAUSTO — Fez o décimo segundo ano. Andou na Marinha. Saiu e, agora, está empregado. É um dos habitantes do nosso Lar. É dos mais velhos. Tem responsabilidade. Que ele saiba ser condutor dos mais novos. É o seu dever.

O «QALI» — Ele é o Sousa Neves. Foi agora à inspecção militar. Tem sido o nosso tratorista. «Eu vou escrever pro GAIATO os retalhos da minha vida.» Eu não digo mais nada dele. Aqui fica a sua promessa. Se ele faltar, os senhores façam o favor de lhe lembrar.

NOVO RUMO — Sr. Padre Carlos está agora na nossa Casa. Ele que sucedeu a Pai Américo na direcção da Obra e que esteve tantos anos em Paço de Sousa, veio agora p'ra esta Casa pegar na «canga», juntamente com o sr. Padre Acílio.

UM GESTO — Os gaiatos que já saíram e que vieram festejar os 25 anos de Pai Américo, arranjaram uma lata e ali deixaram algo em dinheiro. Que grande valor! Outros já o têm feito por carta ou doutras maneiras. Comentários, para quê?!

Ernesto Pinto



Devido a um curto-circuito, ardeu por completo uma casa de um casal, com dois filhos de tenra idade.

Além de há muito tempo não escrever para o jornal o artigo de Ordins, por motivos que não vêm agora ao caso, lembrei-me de quebrar o meu silêncio, pedindo para este casal a vossa ajuda. Pois enquanto se lhe não arranjar a casa estão com uma vizinha, mas muito apertados.

Espero e confio, que este pedido não ficará sem resposta. Desde já agradeço.

A nossa direcção é: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — 4560 Penafiel

Maria Augusta

Novos Assinantes de «O Gaiato»

Continuamos a receber novos assinantes de O GAIATO em quase todas as malas de correio — e até pelo telefone!

São os que se comprometem directamente, pelo seu punho, sem ajuda de ninguém:

«Quero passar a ser um novo assinante de O GAIATO, visto que nem sempre me é possível adquirir o vosso Jornal, de que tanto gosto.»

Peço me desculpem a pouca precisão e aceitem este meu pedido.»

São os que se metem ao caminho, com devoção, à conquista de amigos e familiares. Depois, com alegria, dão nota do seu trabalho em palavras quentes pelo resultado da acção.

Estamos a ver e a pesar uma «pequena lista de assinantes» — não é nada pequena, são 31 deles! — enviada pelo nosso

Mário, que foi da Casa do Gaiato do Tojal. Incendiou quase todos os companheiros de trabalho!

Mais uma mensagem de Viseu:

«Eis o endereço duma nova assinante... Oxalá a doutrina emanada da leitura de O GAIATO penetre bem fundo na família a que se destina. O terreno é bom. Esperamos que os frutos correspondam.»

Outra, de Reguengos de Monsaraz:

«Incluso cheque que se destina à assinatura de O GAIATO que farão o favor de enviar a meu neto...»

O meu desejo é que ele, os pais, e mais três irmãos conhe-

Cont. na 4.ª página

PROBLEMAS SOCIAIS

Cont. da 1.ª página

mas que afectam as pessoas desde a primeira infância à velhice.

Há tempos, em Miragaia, visitei uma família constituída por mãe viúva e um rancho de filhos alojados numa cave sórdida, um daqueles lojões característicos da zona ribeirinha do Porto, sem ar nem luz, escorrendo humidade por todos os cantos. Com auxílios vários quase todos estudam e o mais velho, trabalhador-estudante, frequenta já a Universidade. É uma excepção feliz que cito para confirmar a regra de que antros daqueles não possibilitam a mais elementar formação de uma personalidade sã, quanto mais a promoção que naquela família a todo o custo se procura. Trata-se de gente que viveu bem e a quem a adversidade não roubou a decisão de lutar pelo regresso a uma condição de vida verdadeiramente humana. Mas mesmo em lugares melhores, sem um mínimo de área que a cada um proporcione o seu espaço, o seu recato, a possibilidade

de se isolar e de conviver consoante as horas, os afazeres, até os estados de alma, é muito difícil ser pessoa, quase impossível o clima de lar.

Em relação às crianças aparece com mais evidência esta necessidade de largueza. Os psicólogos até apontam números de metros quadrados por habitante para que a vida familiar possa decorrer sem traumas. Relativamente aos idosos, por via da sua menor mobilidade, será menos evidente; mas nem por isso deixa de ser uma necessidade a existência de casas a preços compatíveis para famílias de três gerações. O que se economizaria em subsídios sociais, em residências para a terceira idade, se tal fosse! E nesta economia não inclui apenas as somas postas em jogo, mas outros valores mais importantes, porque profundamente ligados ao Homem, como são os afectivos, os que dimanam da sua personalidade.

Dos lares de idosos diria, como da proliferação de creches e infantários, que são um bem que vem por mal. Bem,

porque respostas imediatas a urgências de colocação de quem não tem mais onde estar. Mal, porque demitem, porque desatam laços ao dispensarem uma geração, algo **contra-natura**, de deveres que lhe pertencem para com os seus ascendentes. A crescência de procura destes lares é um mau índice.

Ora se na origem deste crescimento está também «a falta de habitação ou a sua degradação», parece que temos aqui o sinal de prioridade a urgir uma política de habitação eficaz, o que até agora ainda se não viu, posto serem tantos a pôr o dedo na ferida. Não será Bem-comum tratá-la privilegiadamente?!

Não há dinheiro — é sempre o clamor que tudo explica. Mas gasta-se tanto, mal!

Um exemplozinho: A nau do Estado é construída em compartimentos estanques, cada qual com o seu orçamento. Perto do fim do ano, muitos destes porões que ainda não consumiram o seu, esgotam-no de qualquer maneira, às vezes um verdadeiro lançar de carga ao mar. Se se juntassem todos estes restos e fossem eles uma achega ao Fundo do Fomento da Habitação?...

Estou a ver sorrir os homens dos grandes números! Pois,

Novos Assinantes de «O Gaiato»

Cont. da 3.ª página

çam a Obra da Rua que eu tanto admiro.

Que Deus aceite a humilde lembrança que este velho de 82 anos e doente vos envia e para que peço orações, assim como para meus filhos e netos...»

Mais outra, d'algures:

«(...) Podeis crer que nunca vos esqueço e sinto-me reconfortado quando recebo O GAIA-TO, cuja leitura constitui para mim um salutar antídoto, em certos momentos de desânimo, contra a hipocrisia, a perversidade e o desenfreado egoísmo da sociedade actual.

como mais do que eles, acredito na grandeza de força da vontade do Homem, na sua inteligente determinação de caminhar para metas concretas de Justiça, não vejo o poder de eficiência nos milhares de contos conseguidos, mas no que eles significariam de consciência social viva em tanta gente que intervem directamente na coisa pública e vai na barca como se ela fora somente o seu porão.

Houvesse este consenso uni-

versal de que o problema da habitação é um problema primeiro; houvesse-o, pelo menos, ao nível de responsáveis, a quem, como Representantes do Povo, compete padecer com o que O aflige — e o problema entraria em franca e plena resolução.

Não há dinheiro?... Pois não abunda. Mas onde há fome e sede de Justiça sempre o resto virá por acréscimo!

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

quer dizer os discípulos de Cristo, não podem, porém, opor-se Aquele a Quem chamam Mestre e Senhor. Trata-se duma posição de autenticidade e de coerência, que exigirá, não raro, heroicidade. Quanto à Misericórdia de Deus, é ponto claro a que não nos compete estabelecer limites.

Sintetizando, ainda com o já citado Bispo de Lorena, o triplico valor da Família — antropológico, ético e sacramental — forma um todo, que faz dela instituição natural e divina e não produto de forças do

acaso, antes uma unidade, por si mesmo intocável.

Aos legisladores só se lhes pede que a festejem e ajudem com leis adequadas, sem comprometer ou bulir na sua intangibilidade. Que todos se lembrem, sobretudo se se confessam cristãos, que há no Matrimónio aspectos antropológicos a serem garantidos, valores éticos a serem ressaltados e normas ou princípios de fé a serem respeitados.

Referimo-nos na quinzena passada aos problemas das estradas e ao surto clamoroso de acidentes, com as tragédias inerentes, de todos conhecidas.

Hoje, em correlação com o aqui então apontado, queremos apontar a falta de civismo patente, aliás a muitos níveis, no que diz respeito à destruição criminosa dos sinais de trânsito e das placas indicativas das povoações, bem assim dos espelhos reguladores do trânsito e dos abrigos para os utentes dos transportes.

Mais ou menos por todo o País se verifica o espectáculo apontado, vandalismo pouco dignificador para um Povo que se pretende respeitador e de brandos costumes. Alcool, juventude sem educação e apatia dos responsáveis estarão na raiz do constatado. As Autoridades só se pede procedimento em conformidade, sem apelo nem agravo. É que o País não pode estar à mercê de energúmenos e de selvagens.

Júlio Mendes

Padre Luiz



Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Agosto: 49.300 exemplares

NOTAS DA QUINZENA

Continuação da 1.ª página

campos de jogos,
circo,
abarroto de bebida,
abarroto de comida.

Mas ele vai... na rampa para a queda.

E nós cheios de angústia no coração!
Perdemos a alegria e a simplicidade!

Na aldeia africana, onde vivi, uma carrinha de 3 mil quilos transportaria todos os haveres de 20 famílias. Num bairro da Europa seriam precisas 40 camionetas de 10 mil quilos para o transporte das mesmas 20 famílias — se estas não fossem ricas.

Pois vi mais alegria, mais gosto pela vida, mais comunhão com a Natureza — naquela aldeia indígena do que em todos os bairros europeus que conheço. Apesar, mesmo, de nessa aldeia não haver carne, peixe, ovos e manteiga.

Seria bom eles comerem um pouco melhor... É certo.

Seria óptimo nós comerem um pouco menos... também é.

E pautarmos todas as nossas acções na lauda da certeza na Vida Eterna.

Padre Telmo